

O medo dos professores: um novo rombo.

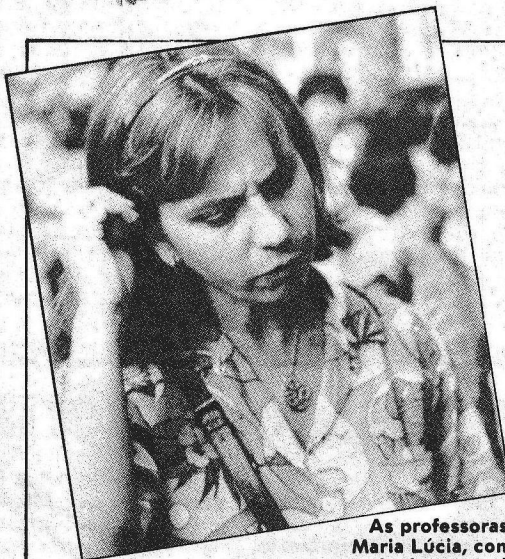
125

Tomar dinheiro emprestado, fazer "bicos", vender rifas e apertar o orçamento são peripécias comuns ao cotidiano dos professores da rede estadual de ensino, no difícil malabarismo a que os mestres são submetidos para sobreviver. A intransigência do governador Orestes Quércia, que reluta em atender suas reivindicações, levando-os a uma greve que já dura um mês, jogou os professores numa situação ainda pior. Tanto, que Maria Alice, diretora do Centro do Professorado Paulista (CPP), vem recebendo notí-

cias nos últimos dias de que vários professores estão recorrendo aos "papagaios" (empréstimos bancários) para recompor seu orçamento, debilitado há anos pelos magros salários pagos pelo governo e ameaçado, agora, pela perspectiva de um novo rombo: o desconto dos dias parados.

"Nós estamos usando a nossa criatividade, vendendo bolo, rifas, bordados, para ganhar algum dinheiro", diz a professora de História Maria Lúcia Micali, de 40 anos, há 20 no magistério. Seu salário mensal de Cz\$ 22.229,14 (brutos), por uma jornada de 20 aulas semanais, não dá sequer para os gastos com alimentação. "Se eu não me desdobrar, passo até fome", explica.

Desquitada, Maria Lúcia mantém os quatro filhos graças à pensão que recebe do ex-marido. Nos últimos dias, ela vem trabalhando com afinco na formação do fundo de greve da Regional Sul, da qual faz parte. Sua maior preocupação, no momento, é com o desconto dos dias parados, e ela já teme o momento de abrir o holerite, no dia 9 de abril. "Minha escola parou no dia 25 de fevereiro, mas por enquanto ainda estamos recebendo normalmente. Se realmente houver desconto dos dias, não sei o que vou fazer", desanima-se.



As professoras Dolores (esq.) e Maria Lúcia, com medo da ameaça de desconto dos dias parados.



A professora Dolores Ruiz, de 35 anos, recorre aos pais, com quem mora, sempre que se vê em dificuldades. Com 10 anos de magistério, Dolores recebe Cz\$ 23.000 para dar 40 aulas de Psicologia por semana em um colégio da Vila Mariana. Só com sua formação como psicóloga, ela gasta Cz\$ 15 mil por mês, em cursos de especialização e terapias. "O resto do salário vai todo com gasolina", diz Dolores, que enfrenta todos os dias uma longa viagem de carro entre São Caetano, onde mora, e a Vila Mariana, onde leciona. Casar? "Já pensei, mas desisti logo em seguida". Para complementar seu magro ordenado de professora — e manter alguma esperança de constituir família —, Dolores trabalha nas suas poucas horas de folga em um consultório de psicologia. "É pouco também, mas já ajuda", afirma a professora, sem precisar quanto ganha nesse emprego.

Mesmo com a perspectiva "sombria de miséria eterna", ainda existem professoras que se empolgam com a função de educador, e jamais imaginam deixar o magistério. É o caso de Célia Almeida, professora de História há 20 anos, sete dos quais na rede estadual. "Castigada" todos os meses pelo governo com um salário de Cz\$ 21 mil

(por 42 aulas semanais), Célia acredita, porém, ter feito a "opção certa" ao decidir ser professora. "O governo é que ainda não fez sua opção pelo ensino público. Acho que a única chance do Brasil sair do 'buraco' é investir em educação. Mas o governo não entendeu, ou não quis entender isso ainda, e continua a desestimular os professores, destruindo nossa carreira", afirma.

Manifestação

O secretário de Segurança Pública, Luiz Antonio Fleury Filho, disse ontem que pretende montar o mesmo esque-

ma de segurança para isolar o Palácio dos Bandeirantes, na manifestação marcada para terça-feira pelos professores e funcionários da Educação, que estão em greve há um mês: Os grevistas prometem repetir a manifestação do último dia 25, quando 50 mil pessoas tentaram cercar a sede do governo paulista (e foram impedidas por um forte aparato policial).

Segundo Sônia Sampaio, diretora da Apeoesp, já é grande o número de caravanas formadas em cidades do Interior e na Grande São Paulo. "Acreditamos que o comparecimento na terça irá superar o da manifestação anterior, já que, além de professores e funcionários da Educação, contaremos também com a presença de vários segmentos da sociedade que apóiam o nosso movimento", disse Sônia.

A diretora da Apeoesp estima que cerca de 40% dos servidores em greve voltaram ontem ao trabalho, para evitar que fossem completados 30 dias de paralisação de suas atividades, com a consequente demissão por abandono de emprego. "Mas essas colegas retornam à greve na segunda-feira", garantiu Sônia.

Roberto Araújo Silva